

Credores consideram US\$ 1 bi muito pouco

REALI JÚNIOR
Correspondente

PARIS — A decisão do governo brasileiro de limitar a apenas US\$ 1 bilhão o total do pagamento dos juros da dívida externa este ano está causando nos meios financeiros europeus a mesma surpresa provocada pela decisão anterior do Plano Collor de bloquear a poupança. Como revelou ontem um banqueiro parisiense, da mesma forma que o presidente da República havia prometido não tocar na poupança interna, no plano externo também havia fixado em US\$ 5 bilhões o total anual para pagamento do serviço da dívida. Por enquanto, a discricão prevalece entre representantes da área oficial ou privada, mesmo porque eles têm encontro marcado com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, quarta-feira, em Paris. A ministra, que vai se hospedar no Hotel Plaza Athénée, verá o presidente do Banco da França, Jacques de La Rosière, o presidente do Club de Paris, Jean-Claude Trichet, e o ministro da Economia, Pierre Bérégovoy.

Ao tomar conhecimento do anúncio feito pela ministra Zélia Cardoso de Mello, às vésperas de sua partida para a Europa, a mesma fonte previu dificuldades futuras para os bancos brasileiros no Exterior. Segundo ele, por enquanto os banqueiros não vão reagir duramente, mas dificilmente irão reativar as linhas de curto prazo que beneficiam os bancos brasileiros. Trata-se dos Projetos 3 e 4, cujo acordo vence em março de 1991. Esses projetos prevêem a manutenção de linhas de crédito de curto prazo, entre 60 e 120 dias, para os bancos brasileiros no Exterior e créditos para o financiamento do co-

mércio brasileiro, incluindo importações. A não renovação do acordo deverá criar dificuldades adicionais para os bancos nacionais que funcionam fora do País, razão pela qual, muito provavelmente, o Banco Central do Brasil deve estar imaginando um instrumento de substituição.

De uns tempos para cá, essas linhas de crédito vem sendo renovadas, mas já têm sofrido restrições de prazo. Dificilmente elas são renovadas por 120 dias, como no passado, mas apenas até 60 dias. Como a renovação tem sido quase automática, as dificuldades vêm sendo contornadas. Mas, se o acordo não for renovado, elas deverão ser suspensas.

Os mais exaltados chegavam a falar ontem em Paris em falta de seriedade das autoridades governamentais brasileiras, mas preferiam esperar a chegada da ministra Zélia Cardoso de Mello à Europa, quando ela deverá explicar melhor essa súbita mudança de atitude e os novos tetos estabelecidos para o pagamento do serviço da dívida à comunidade financeira internacional. Os banqueiros dizem que têm tido uma atitude paciente com o novo governo de Brasília. Como se sabe, o Brasil chegou a transferir mais de US\$ 10 bilhões para ao Exterior no passado, mas desde 89 sustou pagamentos. Os banqueiros já estavam acostumados com a idéia de discutir o pagamento estipulado em US\$ 5 bilhões para este ano pelo presidente Fernando Collor, mas não parecem admitir nenhuma conversa em torno dessa nova redução. As primeiras reações poderão ser conhecidas quando do encontro da ministra Zélia Cardoso de Mello com o presidente do Club de Paris.